

CATEQUESE: UMA FORMA DE EVANGELIZAÇÃO URBANA

Joelson Triviziol de Mello *

Resumo: Este artigo procura ser, em primeiro lugar, um convite à uma reflexão acerca da importância da evangelização no mundo urbano, apresentando alguns desafios que possam surgir, bem como as possíveis soluções para tais. Dentre várias que poderiam ser elencadas, escolhemos uma, na qual nos aprofundamos um pouco mais, que é a catequese, sendo ela um lugar de encontro e relação, onde os agentes pastorais poderão solucionar, ou pelo menos criar possibilidades de solução, para as dificuldades urbanas de uma verdadeira evangelização, que em suma, deve nos levar a Jesus Cristo, vivenciando seus mistérios em uma comunidade.

Palavras-chave: Evangelização. Catequese. Desafios. Possibilidades.

LA CATEQUESIS: UNA FORMA DE EVANGELIZACIÓN URBANA

Resumen: Este artículo busca ser, en primer lugar, una invitación a reflexionar sobre la importancia de la evangelización en el mundo urbano, presentando algunos desafíos que pueden surgir, así como posibles soluciones para los mismos. Entre varios que se podrían enumerar, elegimos uno, en el que profundizamos un poco más, que es la catequesis, que es un lugar de encuentro y de relación, donde los agentes pastorales pueden solucionar, o al menos crear posibilidades de solución, a las dificultades urbanas. áreas, para una verdadera evangelización que, en definitiva, debe conducirnos a Jesucristo, viviendo sus misterios en comunidad.

Palabras clave: Evangelización. Catequesis. Desafios. Possibilidades.

* Acadêmico do terceiro semestre do curso de Teologia da Faculdade Palotina. E-mail: joelsondemello2001@gmail.com

Introdução

O presente texto procura ser um convite à uma reflexão sobre a evangelização em nossas comunidades, onde há um aceno para pensarmos em como está sendo a ação evangelizadora nos locais em que vivemos e atuamos, principalmente os centros urbanos. A partir da colocação dos desafios pertinentes à essa realidade, somos chamados a observar em como está sendo a formação de novos discípulos de Jesus nas comunidades as quais pertencemos.

Há uma diversidade de desafios, bem como outras formas de possível solução para tais, como, por exemplo, a formação de novas lideranças nas comunidades, convite aos homens para que sejam diáconos atuantes nas muitas formas de evangelização que há em uma paróquia, mas com maior ênfase na caridade, criação de grupos específicos para atuarem junto às famílias, crianças, jovens, etc.

Sendo assim, com a apresentação dos desafios da evangelização, e também das outras possíveis maneiras de resolução para eles, partimos da ideia de que a catequese possa ser um modo de enfrentar as dificuldades existentes em relação à ação evangelizadora, já que ela é um lugar de encontro e relação, que conduz ao mistério salvífico de Deus, que em Jesus Cristo revela o anúncio de seu grande amor pela humanidade, “pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16).

1 Mundo urbano e seus desafios à evangelização

Para iniciarmos nossa jornada intelectual, que quer ser um convite à reflexão, mas também uma convocação à ação, tomemos o que nos diz a Sagrada Escritura, no início de suas páginas, sobre a impressão que Deus tem do mundo após o ter criado: “viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31)¹. Com isso, podemos afirmar que a criação é muito boa, e nesta bondade, nos vem o convite de Jesus, para que nos amemos uns aos outros, como Ele mesmo nos amou (cf. Jo 13,34).

Com esses dois termos, bom e amor, podemos iniciar nossos questionamentos, sendo o primeiro, e provavelmente o mais importante: constatamos isso no mundo atual? Oxalá pudéssemos responder com convicção e alegria, que sim, há no mundo, e em abundância, estes dois termos, porém, com uma rápida, e até mesmo superficial reflexão, notamos que estamos distantes de realizar tanto a descrição de mundo que Deus faz no Gênesis, bem como o convite do amor fraterno, que Jesus apresenta no Evangelho segundo São João.

Esta realidade não foi descoberta por nós hoje, pois desde algumas décadas, a Igreja alertou sobre isso, quando no Concílio Vaticano II diz

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de harmonizá-los com os que, pouco a pouco, são descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da

¹ A tradução a ser utilizada em todas as citações bíblicas presentes no texto são retiradas da Bíblia de Jerusalém, em sua décima terceira impressão, do ano de 2019.

evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta (GS, n.4).²

Assim sendo, podemos observar que a complexa realidade que vivemos em nossos dias, é fruto de uma globalização, que permeia todos os âmbitos da vida, seja social, político, eclesial, cultural, etc. Nesta complexidade, muitas vezes vemos a dificuldade de criar uma simples relação, onde "esse novo contexto é carregado de incertezas e resistências. Ele gera tristeza e faz crescer a violência e a pobreza" (BRUSTOLIN, 2023, p.13).

Com isso vemos que, com o passar do tempo, e o aumento das tecnologias, há uma forte tendência a um isolamento e a um individualismo, onde "as relações digitais, que dispensam o empenho de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm a aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um nós" (FT, n.43)³.

Diante disso, surge a necessidade de possibilitar momentos que fujam deste automático-digital, o qual distancia ao invés de aproximar. É importante "tomar consciência da própria dinâmica de vida, redimensionar alguns aspectos e olhar para horizontes ainda muito distantes, porém passíveis de serem atingidos mediante idealismo e esforço diário" (CRESTANI, 2022, p.63).

Dito isto, devemos observar que, com essa fragilidade e superficialidade relacional, "é considerável o percentual de pessoas que preferem viver quase no grau de inconsciência de quem são" (CRESTANI, 2022, p.63), pois assim, não havendo o reconhecimento de um 'eu', não se terá conhecimento de um 'tu',

² Constituição Pastoral *Gaudim et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje.

³ Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social.

dificultando ainda mais as relações interpessoais. Neste mesmo aspecto, o Papa Francisco alerta deste perigo da não-relação, ou do egoísmo, dizendo

não posso reduzir minha vida à relação com um pequeno grupo, nem mesmo com minha própria família, porque é impossível compreender a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações: e não só as do momento atual, mas também as relações dos anos anteriores que me foram configurando ao longo da vida. A minha relação com uma pessoa que estimo não pode ignorar que essa pessoa não vive só para a sua relação comigo, nem eu vivo apenas relacionando-me com ela. A nossa relação, se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros, que nos fazem crescer e enriquecem. O mais nobre sentido social hoje fica facilmente anulado sob intimismos egoístas com aparência de relações intensas. Pelo contrário, o amor autêntico, que ajuda a crescer, e as formas mais nobres de amizade habitam em corações que se deixam completar (FT, n.89).

Com esse convite a uma reflexão sobre as relações que temos tido e realizado em nossas vidas, convidamos a retornarmos aos dois termos mencionados acima, bom e amor, para que, após esta sintética constatação, de que ambos não existem em grande quantidade em nossos dias, devido ao isolamento e individualismo crescentes, possamos não nos entristecermos com tal fato, mas ao contrário, procurarmos uma possível solução!

Algo concreto que podemos destacar, para a partir disso pensarmos em algo para solucionar esta problemática, é uma realidade que “impele-nos a rever nossos métodos de anunciar a Boa-Nova, iniciar na fé e fortalecer o senso de pertença a uma comunidade eclesial” (BRUSTOLIN, 2023, p.14), em que “precisamos examinar como podemos ajudar a sociedade a buscar o bem comum em meio à pluralidade atual” (BRUSTOLIN, 2023, p.14).

Nesta pluralidade em que nos encontramos, necessitamos de um ponto de partida para iniciarmos um processo, que visa a evangelização, principalmente no âmbito relacional, pois “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (DCE, n.1)⁴, esta Pessoa com a qual nos encontramos, como diz o Papa Bento XVI, é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o próprio Deus Filho, Jesus Cristo, Verbo Encarnado.

É justamente deste ponto, da Pessoa de Cristo, que devemos partir, para uma verdadeira e possível solução: a evangelização, feita a partir do diálogo e da relação, pois

os cristãos precisam recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido. Necessitamos fazer-nos discípulos dóceis, para aprendermos dele, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida. E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe (DAp, n.41)⁵.

Partindo de Cristo, seguindo seu exemplo deixado nos evangelhos, e tornando-se um discípulo d’Ele, vivenciaremos o mandamento do amor (cf. Jo 13,34), que, em síntese, pode ser entendido como uma parte da ação evangelizadora, que no ambiente urbano possui com maior ênfase as

⁴ Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, sobre o amor cristão.

⁵ Documento de Aparecida, texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.

dificuldades acima citadas, também disso surge a necessidade de que a evangelização seja uma “ação pastoral encarnada na realidade urbana, caracterizada por desafios, estilo de vida, linguagem, símbolos e imaginários próprios” (WOLFF, PALAFOZ, PEREZ, 2021, p.139).

Outro aspecto da evangelização urbana é a existência, muitas vezes, de “uma perspectiva simplificadora que não nos auxilia a compreender as complexas interpelações entre ambos os mundos sociais, na composição da ação pastoral na cena urbana das grandes metrópoles” (BRUSTOLIN, FONTANA, 2018, p.41)⁶. Juntamente com a pluralidade, isolamento, individualismo, simplismo, há outros desafios a serem enfrentados para que a ação evangelizadora tenha bom êxito no contexto urbano, dos quais iremos elencar, em união com o Papa Francisco, dois: o gnosticismo e o pelagianismo atuais.

O gnosticismo atual é “uma das piores ideologias, pois, ao mesmo tempo que exalta indevidamente o conhecimento ou determinada experiência, considera que a sua própria visão da realidade seja a perfeição” (GE, n.40)⁷, gerando assim uma vaidade intelectual, impedindo diversas vezes de haver um diálogo. Já o outro desafio de nosso tempo, o qual o Papa alerta, é o do pelagianismo atual, que é o caminho de “justificação pelas suas próprias forças, o da adoração da vontade humana e da própria capacidade, que se traduz em uma autocomplacência egocêntrica e elitista, desprovida do verdadeiro amor” (GE, n.57).

Assim sendo, mais uma vez podemos afirmar, como acima fora feito, que o termo bom, utilizado pelo próprio Deus para definir a obra da criação, fica em um plano secundário de exigência antropológica na atualidade, buscando-se

⁶ ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Cultura urbana e ação pastoral: perspectivas antropológicas**. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio; FONTANA, Leandro Luis Bedin (orgs.). **Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades**. São Paulo: Paulus, 2018.

⁷ Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual.

viver em uma bolha egocentrista, evitando cada vez mais as relações verdadeiras e sólidas para com os demais. Próximos do princípio do fim deste capítulo, apresentamos uma forma ideal, até mesmo transcendente e metafísica, de uma sociedade plural, mas ainda sim religiosa, onde

a laicidade da praça sem templo e a secularidade das portas por onde entram as multisseculares tradições culturais e religiosas possibilitarão cantar e dançar em louvor e comunhão. E depois voltar para sua região e trabalhar, mas também sonhar que, um dia, voltarão para eucaristias ainda maiores (BRUSTOLIN, FONTANA, 2018, p.106)⁸.

Ainda mais próximos do fim desta parte do texto, queremos agora indicar um caminho, dentre vários outros, para colocar em prática essa ação evangelizadora, a qual elencamos como uma possível solução para os problemas que estamos enfrentando em nossos dias, os quais alguns foram aqui apresentados. Este caminho quer ser “um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças” (EG, n.71)⁹, o qual sugerimos ser a catequese!

2 Catequese, lugar de encontro e relação

“A catequese é um ato de natureza eclesial, que nasce do mandado missionário do Senhor (Mt 28,19-20) e que está orientada, como seu nome indica, a fazer ressoar continuamente o anúncio de sua Páscoa no coração de

⁸ SUSIN, Luiz Carlos. **Aspectos teológicos dos fenômenos da secularização e do pluralismo cultural**. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio; FONTANA, Leandro Luis Bedin (orgs.). **Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades**. São Paulo: Paulus, 2018.

⁹ Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

cada pessoa” (DPC, n.55)¹⁰. Com essa definição que a Igreja nos apresenta sobre a identidade da catequese, podemos notar e refletir sobre alguns aspectos: é um ato eclesial; advém de um mandado missionário; deve fazer ressoar o anúncio da Páscoa.

O primeiro aspecto, de suma importância, demonstra que a catequese é uma ação da Igreja, portanto, um ato pastoral e/ou de evangelização, onde “para anunciar a doutrina cristã, esforcem-se por utilizar a variedade dos meios à nossa disposição nos tempos atuais: primeiramente, a pregação e a formação catequética, que sempre conservam o principal lugar” (CD, n.13)¹¹

Desse ponto de vista, dentre outros questionamentos que poderíamos fazer, três necessitam ser explicitados, para uma melhor compreensão do tema, a saber: de onde devemos partir? Como nossas comunidades devem agir para o bom êxito desta ação? Aonde queremos chegar? O primeiro questionamento, ao qual sua resposta permeia todas as outras que possam eventualmente surgir, tem como uma possível solução que

qualquer fato deve levar-nos a uma nova atitude. Não somos espectadores dos acontecimentos, mas atores, agentes. Quando Cristo deparava com algum problema humano não deixava de dar o seu testemunho pessoal de um engajamento, de compromisso. Nunca deixou de impressionar seus discípulos por suas respostas concretas aos acontecimentos. Os Apóstolos convertiam-se a Ele porque dava um testemunho eloquente, verdadeiro, consciente de sua missão de profeta, de enviado do Pai (CANSI, 1974, p.94).

¹⁰ Diretório para a catequese, do Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização.

¹¹ Decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja.

Ou seja, devemos partir de uma ação concreta, firmados na realidade de nosso tempo, agindo como o próprio Cristo agia, pois “Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver a multidão teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9,35-36).

Agindo desse modo, iremos evitar muitas das problemáticas supracitadas, como, por exemplo, o isolamento e individualismo, onde, partindo de Cristo, criamos a comunhão em nossas comunidades, dessa forma

encontramo-nos como portadores de uma mensagem de salvação e também como comunidade somos portadores e exportadores da Palavra. É uma maneira de cumprir nossa missão. Esse exportar se faz hoje especialmente vivendo “em comunhão” com a Palavra; desta maneira a Palavra é também falada. Os homens de hoje são visuais, então nossa vida pode mostrar a Palavra. Se vivermos disso e nisso, tornamos Cristo presente. Então somos uma comunidade “Igreja” e vivemos o “ser Igreja” (HECKE, 2020, p.68-69).

Com essa citação de Manu Van Hecke¹², respondemos de forma suficiente o questionamento colocado acima, pois, em suma, devemos partir de Cristo e de sua ação, como Ele mesmo fazia, transformando-nos em anunciadores da Palavra, sendo um verdadeiro testemunho para o mundo, cumprindo também o que o Próprio Senhor nos disse: vós sois sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-14).

¹² Missionário do Imaculado Coração de Maria, deixou esta congregação e licenciou-se em filosofia pela Universidade de Lovaina. Dedicou-se por alguns anos ao magistério de filosofia e religião em um instituto de ensino para moças. Em 1981 entrou na Abadia São Sisto em Westvleteren, na Bélgica. Após sua profissão solene, foi ordenado sacerdote e em 1996 foi eleito como o sétimo abade de São Sisto.

O terceiro questionamento que pretendemos responder, que é onde queremos chegar a partir da catequese, pode ter, de fato, múltiplas respostas, mas a principal deve ser: o encontro íntimo e pessoal com Cristo, onde “a comunhão com Cristo é o centro da vida cristã e, conseqüentemente, o centro da ação catequética” (DPC, n.75). Ou seja, toda a atividade exercida nesse âmbito deve, necessariamente, conduzir para o mistério de Jesus Cristo e da Igreja.

Partindo agora para o segundo ponto que nos colocamos como desafio para explicitar, que é o da catequese surgir de um mandado missionário de Jesus, quando este diz “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,19-20).

Desta belíssima citação, da qual poderíamos escrever inúmeras páginas, iremos nos deter em apenas um aspecto, o verbo ensinar, utilizado pelo Senhor, o qual deve ser a ação que os seus seguidores devem realizar, para assim formarem outros discípulos. Deste termo, podemos pensar na educação, e justamente sobre isso, os padres conciliares, no Concílio Vaticano II, escreveram uma declaração, onde afirmam que

no desempenho do seu múnus educativo, a Igreja preocupe-se de todos os meios aptos, sobretudo daqueles que lhe pertencem, o primeiro dos quais é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico, e impele à ação apostólica (GEd, n.4).¹³

¹³ Declaração *Gravissimum Educationis*, sobre a educação cristã.

Assim sendo, podemos observar que a missão de ensinar e formar novos discípulos tem como lugar especial a catequese, a qual, a partir da formação com elementos teóricos, convida a uma prática cristã consciente e ativa na sociedade. Esta ação da Igreja, de ensinar e transmitir a fé, existe desde os primórdios do cristianismo, pois podemos constatar no Evangelho de Lucas essa realidade, quando ele afirma a necessidade de narrar os fatos que ocorreram entre eles, e a conveniência de se escrever para que “verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste” (cf. Lc 1,1-4).

Também São Paulo nos exorta da importância do ensino/educação na fé, pois “quem é instruído na palavra torne participante em toda sorte de bens aquele que o instrui” (Gl 6,6). Aqui percebemos o aspecto da comunhão e/ou da sinodalidade, o qual, principalmente em nossos dias, necessita ser exercitado, porém, para não nos delongarmos demasiadamente neste tema, leiamos o que nos diz um bispo da Igreja

a sinodalidade é a capacidade de todos os fiéis de participarem, por força de seu Batismo, da vida ativa da Igreja, na edificação do seu corpo. Significa que cada batizado, sendo membro da comunidade-igreja, se sente participante na atuação do bem comum fundamental da Igreja, que é a comunhão (BRUSTOLIN, 2023, p.30).

Todas essas colocações não pretendem ser mais do que um convite à reflexão sobre a instrução catequética em nossas comunidades, a qual, como vimos, é uma ordem do Próprio Cristo a todos aqueles que decidiram segui-Lo. Agora iremos fazer um outro convite, a pensarmos em como ressoar este anúncio nos lugares que estamos e atuamos, bem como o conteúdo que é anunciado.

O Papa Francisco, ao instituir o ministério de catequista, retoma aspectos da Igreja Antiga, quando diz que

desde os seus primórdios, a comunidade cristã conheceu uma forma difusa de ministerialidade, concretizada no serviço de homens e mulheres que, obedientes à ação do Espírito Santo, dedicaram a sua vida à edificação da Igreja. Os carismas, que o Espírito nunca deixou de infundir nos batizados, tomaram em certos momentos uma forma visível e palpável de serviço à comunidade cristã nas suas múltiplas expressões, chegando ao ponto de ser reconhecido como uma diaconia indispensável para a comunidade (AM, n.2).¹⁴

No comum de nossas vidas, no cotidiano ora monótono ora agitado, testemunhando a fé nos diversos lugares onde estamos (trabalho, ambiente formativo, Igreja, família, etc.), devemos lembrar e agir conforme o ensinamento que recebemos, o qual deve ser semelhante ao que São Paulo transmitiu outrora à comunidade de Corinto: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e depois aos doze” (1Cor 15,3-5).

Este é o conteúdo do primeiro anúncio que devemos realizar para com aqueles que ainda não conhecem a fé, o qual chamamos de Querigma. Seu conteúdo pode variar enquanto modo de apresentação, porém, algo deve ser mantido inalterado, é o fato de que Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para morrer e ressuscitar por amor à humanidade.

Partindo agora do pressuposto de que alguém recebeu este anúncio, buscou, com o auxílio da graça de Deus, a devida formação e a celebração dos sacramentos, deve *duc in altum*, como Jesus disse aos discípulos, ou seja, ir para

¹⁴ Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio *Antiquum Ministerium*, pela qual se institui o ministério de catequista.

águas mais profundas (cf. Lc 5,4). Este aprofundamento dá-se de modo especial na liturgia, a qual “é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força” (SC, n.10)¹⁵.

Com isso, podemos observar que é justamente na união entre a vivência da fé no cotidiano, a formação teórica e a liturgia que deve ser experienciada toda a vida cristã, em um processo contínuo de aprendizagem e aperfeiçoamento, que conduz rumo ao céu, que será o encontro eterno com Aquele que já aqui buscamos.

Na liturgia, que “é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão” (SC, n.14), devem ser conduzidos aqueles que resolveram abraçar a fé cristã, pois assim é para eles possibilitado unir teoria e prática nas celebrações, vivenciando o que aprenderam, havendo desse modo a contínua transmissão da fé, iniciando-os através de ritos, formando-os cada vez mais como discípulos de Jesus, por “um caminho que permite experimentar o amor de Deus que Jesus Cristo nos revelou, especialmente acolhendo a Palavra de Deus” (BRUSTOLIN, 2015, p.9).

Todas essas realidades até então colocadas, devem conduzir a uma catequese mistagógica¹⁶, que “significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (EG, n.166). Em suma, utilizar-nos-emos das palavras do Papa Francisco quando fala acerca da catequese, para caracterizá-la, a fim de que sejam esses também adjetivos que possamos utilizar para a atividade catequética de nossas comunidades.

¹⁵ Constituição *Sacrossanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, do Concílio Vaticano II.

¹⁶ Para entender o que é mistagogia, recomendamos que assistam o seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=ru-VbY7_uD.

O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (EG, n.166).

Por fim, todas essas palavras aqui escritas têm como objetivo principal convidar a todos que porventura lerem-nas, a refletirem acerca de tão grande serviço prestado à Igreja, que é a evangelização através da catequese, a qual deve partir de Cristo, testemunhando o Evangelho no mundo, fazendo isso por ser um mandado do Senhor, que nos pede que formemos discípulos seus em todos os lugares do mundo, através da transmissão do conteúdo da fé, que em síntese, é o amor de Deus pela humanidade.

Considerações Finais

Finalmente, após termos abordado, de forma sintética, este assunto muito pertinente para nossas futuras reflexões, queremos dizer que esta pesquisa foi para nós um motivo de pensar novas formas de conjugar a catequese que há em nossas comunidades com a evangelização nos centros urbanos. Foi nesta intenção que elaboramos as duas partes presentes neste texto.

A primeira apresenta alguns aspectos da evangelização urbana, bem como seus desafios, e a segunda é uma tentativa de mostrar que a catequese pode ser uma possível solução para as problemáticas da evangelização no mundo cada vez mais urbano. Para finalizar, rezemos como rezou Santo Afonso Maria de Ligório, pedindo a intercessão da Virgem Maria: “Maria, minha esperança, unime a Jesus e fazei que eu passe minha vida unido a Ele, e unido a Ele morra, para

assim chegar um dia ao céu, onde já não existirá o medo de me ver separado de seu santo amor!" (1996, p.77).

Referências

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Deus Caritas est:** sobre o amor cristão. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Adultos na fé:** catequese de preparação à Crisma e à Eucaristia com adultos batizados. São Paulo: Paulinas, 2015.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.); FONTANA, Leandro Luis Bedin (org.). **Cultura urbana:** porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades. São Paulo: Paulus, 2018.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **Num só corpo:** comunhão e pertença na Arquidiocese de Santa Maria – sinodalidade e diocesaneidade. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2023.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje.** São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia.** São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã.** São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Christus Dominus sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja.** São Paulo: Paulus, 1997.

CANSI, Bernardo. **Curso de catequese renovada.** Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CRESTANI, Alfredo. **O sentido do peregrinar humano: do nascimento ao declínio.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta apostólica sob forma de Motu Proprio Antiquum Ministerium:** pela qual se instituiu o ministério de catequista. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti:** sobre a fraternidade e amizade social. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium:** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Gaudete et Exultate:** sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

HECKE, Manu Van. **Espiritualidade:** espaço para o outro. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2020.

LIGÓRIO, Afonso Maria. **A prática do amor a Jesus Cristo.** 7. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1996.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese.** São Paulo: Paulus, 2020.

WOLFF, Elias (Org.); PALAFOX, Antônio Ernesto (Org.); PEREZ, Benjamin Bravo (Org.). **A teologia e a pastoral na cidade:** desafios e possibilidade atuais. São Paulo: Paulus, 2021.